

## A saúde, a beleza e a velhice

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

O título do presente artigo pode parecer estranho e incompreensível de início. Como se saúde, beleza e velhice fossem incompatíveis. Normalmente as pessoas não associam a velhice ao que é saudável ou belo, como se essas duas qualidades fossem atributos da juventude. Esquecem que nem sempre os jovens estão saudáveis e “bonitos”. Quando falo de beleza aqui não me refiro exclusivamente a uma estética de traços, mas sobretudo a uma estética do comportamento, da conduta, da postura, do conhecimento, de vida. Ou seja, a beleza entendida num sentido mais amplo. E é nesse contexto mais amplo que devemos entender também aqui o que se quer dizer com saúde. Não ter problemas médicos não é sinônimo de saúde. A própria OMS – Organização Mundial de Saúde – define saúde dentro desse contexto mais amplo. Abrange um bem estar físico, psíquico e sociocultural.

Todos conhecemos uma expressão popular que diz “bonito por dentro”. Tal expressão pode nos levar a pensar que determinado sujeito é “bonito por dentro e feio por fora”. Ora, quando se amadurece ficamos mais livres das investidas alienadas de nosso narcisismo. A cultura exagerada do belo, a idolatria pelo corpo, conduz a atual sociedade a um perigoso esteticismo. Ou seja, uma cultura de abuso da estética que acaba por ferir a própria estética. Um exemplo é a estética virtual abusiva explorada nas Tevês. Virtualidade que não contém o outro nem o eu.

Não quero parecer aos leitores uma espécie de moralista retrógrado. Aprecio como a maioria a beleza física de certos humanos. É divino fruir a perfeição de um belo corpo. Fruição que nos enche de juventude, de beleza e vida. Fruição que inspirou grandes mestres da arte como Michelangelo a criar seu belo Davi e deixar a todos boquiabertos. Quero apenas salientar que o uso abusivo e comercial do corpo não o enleva, mas apenas o prostitui ou o corrompe. E muitos são os exemplos daqueles que explorados em sua beleza acabaram adoecidos e degradados.

Temos um corpo sempre digno de ser cuidado e desejado. Sua falta, por acaso, de juventude ou perfeição não o condena ao feio ou ao doente. Uma pessoa “bonita por dentro” aos olhos das pessoas amadurecidas será sempre bonita por fora, possuindo portanto um corpo apto para uma troca real - não virtual - onde há a possibilidade do gozo na dimensão da realidade. Podemos afirmar a partir disso, também, que “uma pessoa saudável por dentro” está mais apta a ser saudável “por

fora” do mesmo modo que um velho “novo por dentro” está mais apto a se sentir “novo por fora”. O inverso é verdadeiro. Jovens que “envelhecidos por dentro” perderam “por fora” o viço de sua juventude. Resgatando o conceito de belo podemos nos salvar do destino funesto de Narciso capturado e condenado a morte feia pela sua “bela” imagem. Poderemos, então, definir a beleza de forma bem diferente de como a definiu o Cineasta francês Jean Luc Godard: *“a beleza é o início do terror que podemos suportar”*.

Poderíamos nos aventurar a afirmar que a *“beleza é o fim do terror da ausência do outro que podemos superar”*.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).